

Primeiros Escritos

Representações simbólicas e implicações subjetivas e geracionais na vivência do distanciamento físico compulsório



*Alice Magalhães
Carolina Schor
Carolina Simon
Júlia Faggioni
Luiza Brum*

Resumo: O presente trabalho pretende investigar a intergeracionalidade a partir dos impactos psíquicos e comportamentais do distanciamento físico compulsório em uma família composta por indivíduos de diferentes gerações. Para isso, foram entrevistadas três mulheres de idades e gerações diferentes, que realizaram um desenho que descreve sua vivência de isolamento, escolhendo um objeto que a resumisse. A partir da reflexão que cada uma realizou sobre o desenho e o objeto escolhido, buscou-se discutir como cada produção se relaciona com cada sujeito, dentro de sua geração, e como as participantes se relacionam entre si, a partir de um olhar intergeracional.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; Gerações; Distanciamento Físico; Representações

Introdução

O ano de 2020 foi marcado pela adoção internacional do isolamento social compulsório em decorrência da Pandemia da COVID-19, uma doença viral extremamente recente, gerada por uma variação do coronavírus - Sars-CoV-2. Em decorrência de sua alta taxa de contágio - menos de seis meses após os primeiros registros da doença, mais de 9.5 milhões de casos de COVID-19, e mais de 489 mil mortes em decorrência da doença, já haviam sido notificados ao redor do mundo (BBC, 2020) - o distanciamento físico compulsório mostrou-se a principal estratégia para a prevenção da propagação da doença e redução de seu impacto nos sistemas de saúde público e privados. A medida preventiva foi aderida pela imensa maioria dos países afetados ao redor do mundo, que seguiram as orientações da Organização Mundial de Saúde.

O presente trabalho pretende investigar a intergeracionalidade a partir dos impactos psíquicos e comportamentais do distanciamento físico compulsório em uma família composta por indivíduos de diferentes gerações.

O conceito de geração foi construído histórica e socialmente, de modo que sua normatização e diferenciação conceitual na modernidade refletem uma ciência positivista e sua pressa em promover a seriação e a classificação das pessoas e das coisas. Apesar de ser um conceito difundido ao longo dos anos, foi apenas no século XX que a velhice se tornou seu objeto de atenção, com os estudos de gerontologia.

Frente a isso, a pesquisa parte de uma conceituação de geração relacionada ao estudo das relações familiares entre avós, pais e filhos e a posição de cada familiar nesse universo que, por terem nascido em épocas diferentes, desenvolvem uma consciência histórica própria e uma identidade coletiva que influencia suas atitudes.

Assim, o presente trabalho parte dos relatos de três mulheres pertencentes a gerações diferentes, para investigar as suas subjetividades em um período de isolamento. Tais relatos são, portanto, utilizados como ferramenta de investigação dos impactos deste fenômeno social na subjetividade, em cada uma das entrevistadas. As participantes foram ALSN¹, mulher de 20 anos (inserida na geração Z); sua mãe, LTS, de 48 anos (inserida na geração X) e sua avó, MMTS, de 84 anos (inserida na geração dos veteranos).

Visto que habitam a mesma residência e, portanto, e viveram em conjunto o período em questão, objetivou-se compreender de que forma suas subjetividades, e a inserção na geração que compõem, interferiram na vivência desse momento atípico. Dessa forma, buscou-se entender os impactos a partir de relatos e representações simbólicas realizadas pelas três mulheres, estabelecendo, assim, as semelhanças e divergências existentes entre elas.

Método

Para realizar a análise das implicações subjetivas e geracionais na vivência do período de pandemia, e conseqüente distanciamento físico compulsório, as pesquisadoras optaram por utilizar representações simbólicas e relatos verbais das

¹ Foram utilizadas as siglas dos nomes das participantes para preservar o anonimato.

participantes. Sendo assim, foi solicitado às três mulheres que fizessem, individualmente, um desenho livre que representasse e transmitisse seus sentimentos durante o período investigado. Essa representação artística pôde ser realizada livremente, não havendo restrições quanto aos materiais ou métodos utilizados, de forma que as entrevistadas foram orientadas a deixar os sentimentos e sensações relacionados ao distanciamento físico compulsório fluírem de forma totalmente espontânea.

Além do desenho, solicitou-se que as participantes escolhessem, também individualmente, um objeto que foi significativo para elas no período citado. Por fim, as mulheres, das 3 gerações, realizaram um relato acerca de sua representação artística e do objeto escolhido por elas. Mais uma vez, elas foram incentivadas a se expressar livremente, motivo da escolha da entrevista semiestruturada. Sendo assim, foram poucas perguntas predeterminadas, que tiveram como objetivo instigar as entrevistadas a se comunicarem abertamente.

Optou-se por esse método uma vez que, para diferentes abordagens psicológicas, como a Psicanálise e a Psicologia Analítica, a representação artística consiste em uma das formações na qual a subjetividade se manifesta. Dessa forma, entendeu-se que, ao solicitar às mulheres que executassem essa atividade, seria possível adquirir mais informações acerca de seu universo subjetivo do que apenas por meio de relatos verbais.

Para Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, os símbolos emergem como a síntese de conteúdos conscientes - do quais os indivíduos têm conhecimento - e de conteúdos inconscientes, dentro de um âmbito pessoal e coletivo, - dos quais os indivíduos não têm conhecimento. Além disso, ao representar a união de opostos, os símbolos trariam à luz da consciência os conteúdos que mobilizam verdadeiramente os sujeitos. Sendo assim, a função simbólica transcendente, que consiste na grande matriz geradora dos símbolos, possibilitaria a compreensão de aspectos até então incompreensíveis ao indivíduo - o que demonstra a essencialidade das representações simbólicas e sua grande importância no processo de entendimento do universo subjetivo dos seres humanos.

Essa concepção e importância do simbolismo para Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, pode ser compreendida a partir de uma reflexão, realizada pelo autor, em seu livro *A vida simbólica* (2013, s/p):

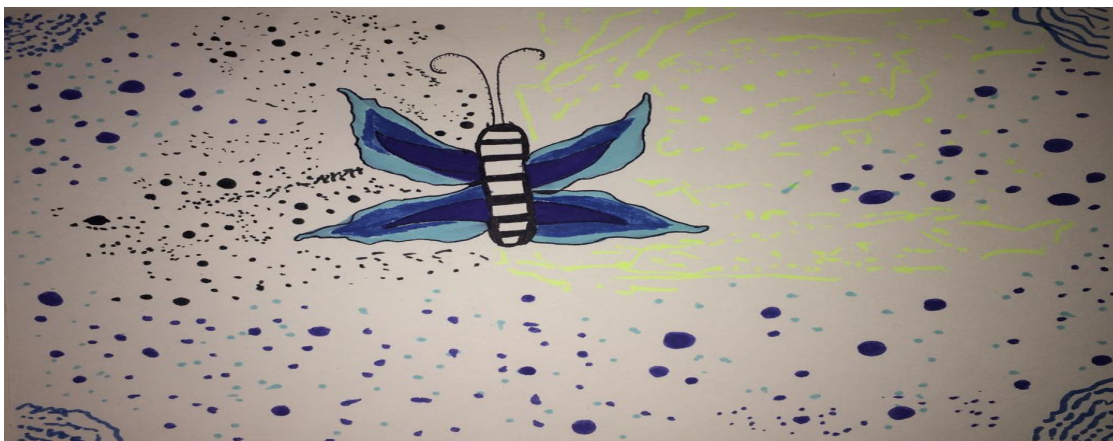
Assim como a planta gera sua flor, a psique produz seus símbolos. As forças instintivas influenciam a atividade da consciência de forma positiva ou negativa através de sonhos, intuições, impulsos e outros acontecimentos espontâneos.

Partindo do entendimento de que as representações simbólicas são de grande valor para a verdadeira compreensão da vivência subjetiva, e após a conclusão das atividades propostas, as pesquisadoras partiram para a análise do conteúdo oferecido.

Discussão

Geração Z (ALSN², 20 anos)

ALSN é uma jovem mulher de 20 anos, cuja ocupação, atualmente, é de estudante - está realizando curso pré-vestibular. O desenho realizado por ela encontra-se anexado abaixo e o objeto escolhido foi sua caixa de som, com bluetooth, que ela utilizou para ouvir música ao longo do período de distanciamento físico.



Desenho realizado por ALSN para expressar sentimentos durante período de isolamento físico.

A jovem realizou uma reflexão a respeito da representação artística que construiu, transcrita a seguir:

Eu fiz esse desenho porque ele transmite mais ou menos como eu enxergo, que está minha cabeça no momento, que é um mix de coisas que eu não entendo e um mix de coisas que eu comecei a entender mais com a quarentena. Então, essa parte preta representa as dúvidas e a parte amarela representa as novas ideias, novos conhecimentos, que eu pude adquirir nesse tempão de quarentena. O azul é porque eu acho que é a cor da borboleta também, que me acalma muito e é minha cor preferida. E aí eu fiz [...] porque eu quis que o azul mostrasse que as confusões e os esclarecimentos são normais e andam juntos, aí eu meio que fundi tudo isso que eu falei junto com o azul.

Uma análise possível da produção parte do fato de que, para muitos indivíduos, o artrópode presente no desenho de ALSN representa transmutações: antes de tornar-se uma borboleta, em sua fase adulta, ele deve passar pela fase do ovo, da larva e da pupa. Entende-se, assim, que seu ciclo vital é repleto de mudanças. Relacionando, ainda, o desenho com a temática da pesquisa é possível olhar para a produção artística como representação das transformações envolvidas na passagem do tempo e das gerações.

É possível compreender que ela mesma reconhece estar vivenciado um período de transformações em sua vida, no qual aspectos que ela desconhecia, ou que se mostravam confusos, vieram à luz de seu conhecimento. Simultaneamente, ALSN passou a entender que incertezas e certezas coexistem e caminham juntas -

² Foi utilizada a sigla do nome dos participantes para preservar o anonimato.

compreensão que se dá a partir do entendimento de que os diferentes aspectos que permeiam a existência não se encontram plenamente separados, mas interligam-se de forma fluida. Essa fluidez pode, inclusive, ser percebida em sua representação artística.

Além disso, aos 20 anos de idade, ALSN vivencia a transição da adolescência para a vida adulta, passagem que costuma ser experienciada como uma “crise”. Esse período “tende a se constituir, por si próprio, numa fase de vida marcada por condições, oportunidades e dificuldades próprias” (ANDRADE, 2010, s/p). Ele pode remeter ao término da adolescência, mas também a alterações em diversos aspectos da vida dos jovens, como a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho. Ademais, “a transição para a vida adulta revela-se uma questão social altamente complexa, na qual estão imbricadas características dos indivíduos, das famílias e dos domicílios” (MELO VIEIRA, 2016).

Essa passagem, a nível coletivo, torna-se mais turbulenta e solitária com o isolamento social. A extensão do tempo, passado consigo mesmo, intensifica a introspecção, componente que tematiza o relato da jovem.

Pode-se concluir, quanto à representação artística realizada pela jovem mulher, que ela remete às inúmeras transmutações que ela vivencia no momento de sua realização, sendo elas tanto de caráter subjetivo, quanto de caráter geracional.

Já no que concerne à sua caixa de som, o objeto escolhido, ela relatou:

Eu escolhi um objeto relevante ‘pra’ mim, que foi a caixinha de música, porque eu acho que ouvir música é uma forma de manter contato com a arte e, tipo, eu acho que a arte é muito importante nesse momento, principalmente ‘pra’ você se conectar com você mesmo. Em todo momento, mas eu acabei conhecendo isso só na quarentena. Então, eu comecei a ouvir muito mais música, o que foi muito melhor ‘pra’ mim.



Caixa de som

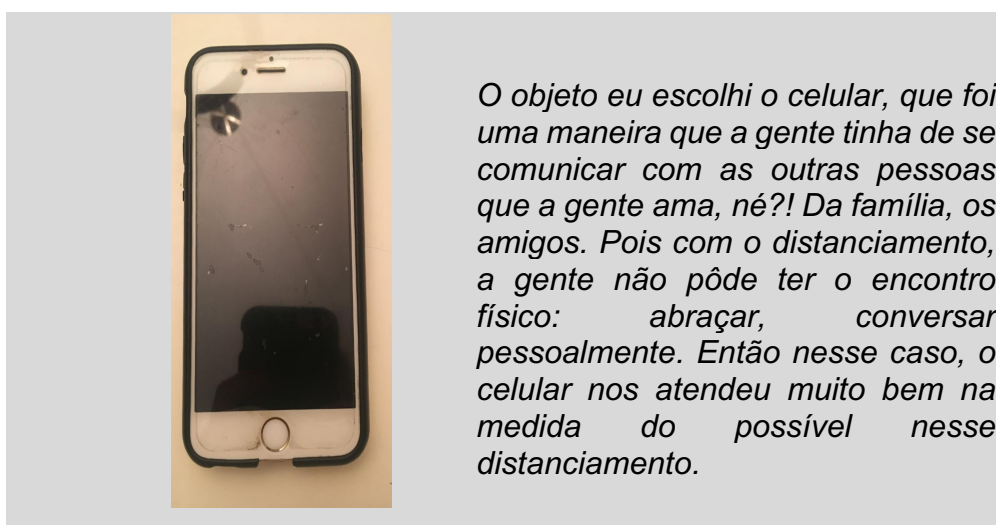
O relato da jovem, ao colocar a relevância da Arte e sua relação com o autoconhecimento, também condiz com postulados teóricos da Psicologia Analítica. A música é colocada como caminho de conexão com a subjetividade; é o que permite à jovem *sentir*. O equilíbrio entre o “racional” e o “emocional” é, para Jung, central para a integração do indivíduo, permitindo uma relação mais verdadeira e homeostática consigo mesmo. Esse processo é chamado por ele de individuação e envolve a integração de elementos conscientes ao inconsciente, tendo como meta utópica tornar-se consciente da totalidade psíquica. Isso seria possibilitado pelo contato com o conteúdo simbólico. A relação fica clara no trecho transcrito a seguir do livro *Jung: O mapa da alma* de Murray Stein (2006, s/p):

O clássico significado junguiano de individuação é tornar-se o que a pessoa já é potencialmente, mas agora de um modo mais profundo e mais consciente. Isso requer o poder capacitador de símbolos que erguem e tornam acessíveis conteúdos do inconsciente que estiveram escondidas das vistas.

Vale ressaltar, ainda, que o objeto escolhido por ALSN é marcadamente próprio de sua geração por envolver tecnologias modernas e ter a função de amplificar o som, simbolizando de forma acurada o prazer e o tempo livre característico dessa geração. Percebe-se, assim, que a noção e a vontade do autoconhecimento, a mutabilidade e o sentimento de confusão aparecem em ambos os relatos da jovem e se aproximam a vivência do “ser jovem”, inserido em um contexto de mudanças e angústias na entrada da vida adulta.

Geração X (LTS, 48 anos)

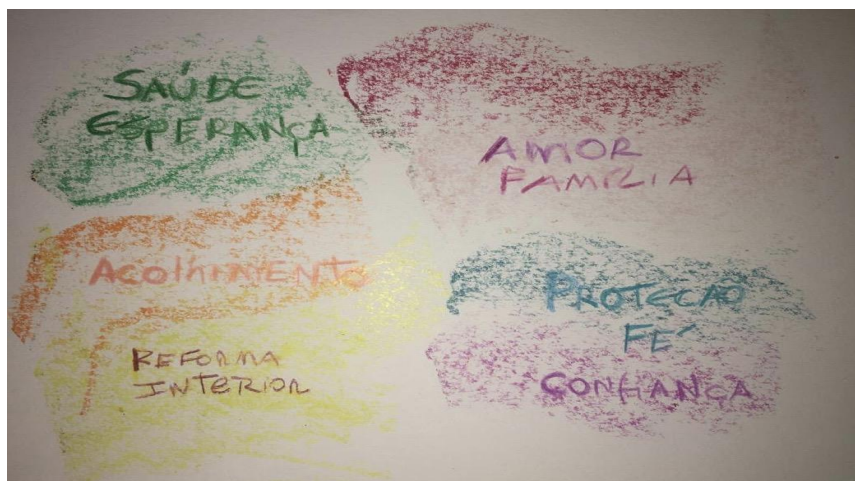
LTS é uma mulher adulta de 48 anos que atua atualmente como Analista de Sistemas. O desenho realizado por ela se tratou de uma representação figurativa de sentimentos e conceitos importantes para ela durante o período do isolamento, associados a cores, e o objeto escolhido foi o celular, pois, de acordo com ela, o aparelho permitiu uma boa opção de comunicação com o mundo exterior, já que com o distanciamento físico o encontro presencial não seria possível. A imagem do objeto escolhido e seu relato acerca dele se encontram abaixo.



Essa escolha revela o pertencimento de LTS a uma geração que não só entende e utiliza do celular, como forma de encontro e contato com os outros, mas também possui essa tecnologia significativamente presente em seu cotidiano. LTS, por meio de seu relato, expõe ainda sua capacidade de ajustamento a uma realidade transformada e restringida pelo contexto da pandemia, e nos mostra um objeto que se provou ser uma estratégia de adaptação às limitações impostas pelo isolamento requerido, ressaltando a importância dele, especialmente diante à necessidade de manutenção de laços afetivos e contato com pessoas queridas e amadas. O celular não substitui o contato físico, mas serve, dentro de suas limitações, para reduzir o distanciamento emocional e a falta de contato com os amigos e familiares, algo que por ela é apreciado e valorizado dentro das dificuldades adicionais que o isolamento social nos impôs.

Interessante notar que já na geração de LTS as tecnologias se encontravam presentes o suficiente no cotidiano para haver familiaridade com elas, o que facilitou a comunicação com outros no contexto da pandemia. É importante ressaltar aqui, no entanto, que essa presença tecnológica na geração de LTS possui mais variáveis do que somente o período em que o indivíduo nasce - tais como classe socioeconômica, região habitada, religião adotada pela família, costumes familiares, etc. Assim, não podemos generalizar essa análise individual de LTS a uma geração inteira, o máximo que intencionamos aqui é retratar uma parcela dessa geração que é sujeita a variáveis similares às de LTS e analisar de que forma sua inserção na geração X influencia sua vivência do isolamento.

Relato de LTS sobre o seu desenho:



Eu fiz esse desenho, utilizando essas cores - o verde que representa pra mim nesse período a esperança e a saúde, utilizei também um vermelho e um rosa onde representa pra mim o amor, a família e o amor fraternal, usei também a cor azul onde representa para mim a proteção, a fé e um violeta também como confiança, e o alaranjado como acolhimento e o amarelo como uma reforma interior - que foi o que esses momentos na quarentena a gente parou para pensar [...]

na gente, no mundo. O mundo teve que dar uma parada para reformular. Foi nesse sentido que eu fiz o meu desenho.

O desenho de LTS e seu relato acerca dele indicam uma elaboração sentimental feita do tempo passado em quarentena e as possibilidades que ela abriu para aprofundamento pessoal. O desenho expressa alguns sentimentos e laços afetivos nos quais LTS, provavelmente, pôde se apoiar durante as dificuldades enfrentadas pelo isolamento social, tais como esperança - relacionada à saúde nesse momento pandêmico -, acolhimento, fé, amor, proteção, confiança e família. Dessa forma ressalta coisas que, para ela, foram mais importantes não só nesse enfrentamento, mas também dentro da compreensão que têm da própria vida, e expressa também alguns de seus valores próprios mais essenciais.

Isso nos interessa especialmente por conseguirmos, a partir disso, acessar a maneira como LTS vivencia sua própria subjetividade dentro do contexto pandêmico, a qual é, de acordo com abordagem teórica, em primeira instância modelada por e refletora de um pensamento e experiências coletivas compartilhadas dentre os membros de sua geração. No caso dela testemunhamos uma visão de mundo mais estrutural, isto é, baseada em pilares bem estabelecidos e socialmente difundidos, como família e amor fraternal, levando também em conta a etapa da vida em que LTS se encontra.

É relevante notar também como para ela nasce, com o isolamento, a possibilidade de reforma interior, algo semelhante à representação da borboleta feita no desenho de sua filha, uma vez que ambos remetem a um processo de transformação interna e íntima e reelaboração de conteúdos, sentimentos e pensamentos próprios. Com isso podemos traçar um paralelo entre a maneira como a noção de aprofundamento pessoal é elaborada entre essas duas gerações, e como ambas - mãe e filha - utilizam o amarelo simbolizando processos de transformação – formação de novas ideias, redefinição de si mesmo, etc. (no caso da filha o amarelo é utilizado nas "bolhinhas" amarelas que ela desenha ao redor da borboleta).

Geração dos veteranos (MMTS, 84 anos)

MMTS é uma mulher de 84 anos, que foi professora de matemática e, atualmente, está aposentada. Seu desenho encontra-se abaixo e o objeto escolhido foi um estojo de lápis de cor, que ela utilizou ao longo do período de distanciamento físico para colorir mandalas e realizar palavras cruzadas.



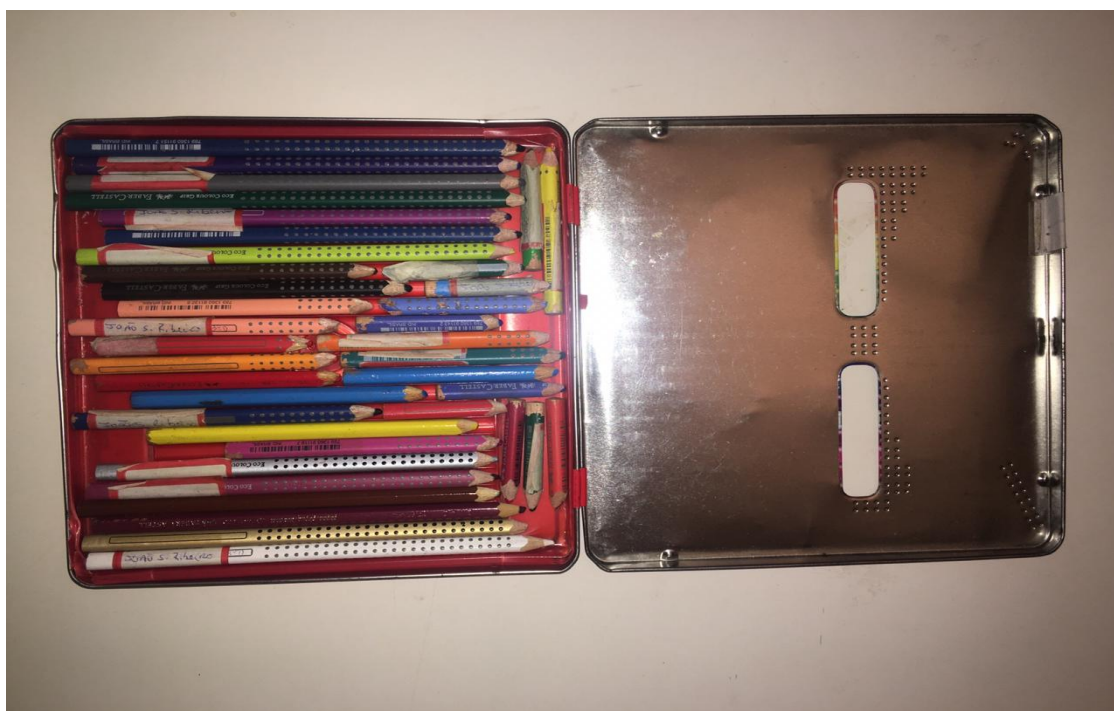
Quanto à sua representação artística, a idosa realizou o seguinte relato:

Eu fiz essa casa para mostrar que eu adorei ficar na casa da minha filha. E isso daqui mostra que a casa é [...] que eu gostei, por isso eu fiz. Este céu amarelo que é gostoso, o azul, então, mais gostoso ainda. E... e fiquei com a minha filha querida e meus netos queridos, por isso que eu fiz isso. Aqui (vermelho) é a cor do esmalte que eu uso, que eu gosto de usar (risos).

A partir da exposição verbal e da ilustração realizada por MMTS é possível notar a grande relevância de sua família em seu bem estar e saúde mental, durante o período de distanciamento físico. Um estudo realizado nesse mesmo momento, intitulado *Estudo sobre a avaliação de sintomas depressivos e ansiosos em idosos diante do isolamento social pela COVID-19*, demonstrou que, dentre outros fatores, idosos que nunca ou quase nunca recebiam apoio da família e de amigos tinham mais chances de sentirem sintomas ansiosos e depressivos, o que demonstra a relevância da convivência familiar nesse período (MORETTI LUCHESI, 2020).

Para a idosa em questão, o impacto dessa relação foi, visivelmente, sentido de forma positiva. Assim, é possível observar que o acolhimento recebido, durante o momento de distanciamento físico, bem como a intensificação da convivência com sua filha e netos, ocupou um local extremamente afetivo para ela.

Além disso, é possível compreender que, em decorrência de uma relação familiar e intergeracional aparentemente harmoniosa, a própria residência habitada por MMTS, e os outros membros da família, durante o período de distanciamento físico, passou a simbolizar, para ela, amparo e afeição. Essa atribuição de características positivas ao lar material é evidenciada por sua representação no desenho, realçada pela escolha de cores feita por ela: são tonalidades que, para mulher, remetem a uma sensação agradável (o azul e o amarelo) e ao autocuidado (o vermelho, que ela relaciona com o ato de pintar as unhas).



No que diz respeito à escolha do objeto, a senhora afirmou:

Foi esse lápis de cor, que eu pintava as mandalas. É o que eu uso aqui, ó, os lápis de cor. É o que eu uso, eu não tenho outro, pra pegar outro. Esse lápis aqui eu pego 'pra' colorir. Só esses aqui. E fazia palavras cruzadas também, né.

A partir do entendimento da arte como ato de criação, é interessante ver como este aparece na avó, que vai a contramão do discurso de que a velhice é uma fase de declínio e de degeneração, onde a possibilidade de criação e de inovação não teria lugar. Assim, frente ao relato, nota-se como o envelhecimento é um fenômeno complexo – biopsicossocial - e se apresenta como um processo de desenvolvimento que se abre para novas possibilidades.

Essa concepção do envelhecimento também é abordada por C. G. Jung quando reflete acerca do desenvolvimento psíquico. Para ele, este acompanha o desenvolvimento biológico até certo ponto, na medida em que não começa a decair a partir de certa idade, como ocorre com o biológico. Neste sentido, o desenvolvimento psíquico continua crescendo, em constante desenvolvimento potencial. Assim, nesta lógica, não é apenas a infância que ganha ênfase, mas todas as etapas da vida.

Segundo o teórico, é a partir da 2ª metade da vida, com a metanoia, que o investimento da energia se desloca do mundo exterior e se concentra no interior, possibilitando que o sujeito reconheça seu mundo interno e amplifique sua consciência na medida em que integra, cada vez mais, elementos inconscientes a sua consciência. Dessa forma, é possível perceber como a velhice ganha ênfase e destaque, como um período enriquecedor.

Pode-se perceber, de acordo com esse relato, que MMTS divide um interesse em comum com sua neta, ALSN: a arte. O gosto e o talento compartilhado entre as mulheres dessa família atuam como uma marca identitária e como forma de conexão entre as gerações, promovendo o encontro.

Conclusão

O presente trabalho defende e dialoga com uma concepção de envelhecimento como fenômeno biopsicossocial, que é parte da vida e cria novas oportunidades e possibilidades, além dos já conhecidos desafios. A ideia vai à contramão do discurso que circula ao nosso redor e constitui nosso imaginário da velhice como fase de declínio, degeneração e fim de linha.

As produções realizadas pelas três mulheres da família que vivenciaram, na quarentena, um encontro intergeracional, refletiram de maneira surpreendente e profunda suas subjetividades.

O processo de envelhecimento cria oportunidades, indo na contramão do discurso que circula ao nosso redor de que a velhice é uma fase de declínio, de degeneração, de fim de linha. Ideia do processo de envelhecimento ser visto como um trem, sendo cada vagão uma etapa da vida.

O envelhecimento é um sucesso no processo de desenvolvimento humano; é um fenômeno complexo, vivido pela primeira vez na história humana. Envelhecer como fenômeno biopsicossocial.

Além disso, é interessante perceber como três mulheres morando no mesmo ambiente têm uma visão positiva e por vezes diferente com relação à quarentena devido à COVID-19. Apesar de todas atribuírem uma visão mais positiva a respeito deste momento, seja de interiorização, de busca por significados sobre a própria existência ou de desejos para o momento, fica evidente a diferença intergeracional existente.

Ao comparar o desenho da avó com o da neta, é possível perceber a enorme diferença entre os momentos da vida, a primeira demonstra uma vida mais estabelecida, um objeto parado. Sua neta, em contra mão, mostra um período de transformação, uma borboleta com infinitas possibilidades. Contudo, no meio termo entre as duas gerações citadas anteriormente está LTS, que ao mesmo tempo em que apresenta os aspectos da vida considerados importantes para ela e já consolidados, exprime que a quarentena se refletiu, dentre outras coisas, como uma ocasião de reforma interior.

Apesar de ser um breve estudo de caso, o qual não poderia ser generalizado para outras pessoas idosas, é importante ressaltar a grande importância da família para a avó. O desenho da casa não aparece apenas no âmbito de morada, mas sim no como a família constitui o chamado "casa", um lugar de harmonia, proteção e afeto. Essa harmonia também apareceu no áudio da avó enviado ao grupo, no qual sua neta fala carinhosamente e indicando de maneira cristalina o que ela teria que relatar.

Referências

ANDRADE, C. Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica* v.28 n.2 Lisboa abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200002>. Acessado em 26 de outubro 2020.

JUNG, C. G. *A Vida Simbólica*, Editora Vozes (1957), 7ª ed. 2013.

MAGALHÃES, A.S.; BORGES, C.C. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Revista Psico*. v. 40, n. 1, p. 42-49, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140>>. Acessado em 26 de outubro 2020.

MELO VIEIRA, J. Reflexões sobre a transição para a vida adulta: o caso do Estado de São Paulo. Trabalho apresentado no XV *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, realizado em Caxambú – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1479/1444>>. Acessado em 26 de outubro 2020.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO E DO LONGEVIVER. Pesquisa revela a importância de exercícios e apoio da família para idosos durante a pandemia. Publicado em 04 de junho de 2020. Disponível em:

<<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/pesquisa-revela-a-importancia-de-exercicios-e-apoio-da-familia-para-idosos-durante-a-pandemia/>>. Acessado em 28 de outubro de 2020.

Data de recebimento: 18/11/2020; Data de aceite: 20/02/2021

Alice Magalhães, Carolina Schor, Carolina Simon, Júlia Faggioni e Luiza Brum
– Alunos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, curso de Psicologia, eletiva *Relações Intergeracionais mediadas pela Tecnologia*, que teve como docente a profa. Beltrina Côrte, no segundo semestre de 2020, durante a pandemia. E-mail: carolinarschor@gmail.com